

A GERAÇÃO DE 70 PORTUGUESA E OS MOVIMENTOS LITERÁRIOS EM PORTUGAL, NO BRASIL E EM ANGOLA.

Liliane Batista Barros

(Universidade Federal do Pará – Campus do Sul e Sudeste do Pará)

ABSTRACT

We intend to make some considerations on the convergence of the literary movements of the generation of 70th in Portugal, the modernism in Brazil and the movement 'let's discover Angola! in Angola that had in such a way searched for the literary independence in these countries as for the langue, as for the appreciation of the national space.

Keywords: Portuguese language literatures, National literature, Literature movement

A proposta desde estudo é a de discutir a relação da geração de 70 portuguesa com o modernismo brasileiro e deste com o movimento angolano denominado “Vamos descobrir Angola”. Para este percurso achamos importante inserir os movimentos estéticos literários no contexto histórico. Tomamos como pressuposto o sistema literário proposto por Antonio Candido, pois a partir dele formou-se o conceito de macrossistema das literaturas de língua portuguesa. Nessa perspectiva voltamos ao Romantismo por ser o movimento estético que promoveu a valorização nacional e consolidou a tradição literária no Brasil e iniciou o movimento literário em Angola e também por tomarmos a valorização nacional como tema para elaborar o nosso texto.

Tendo em vista as relações existentes entre as literaturas portuguesa, brasileira e angolana no macrossistema das literaturas de língua portuguesa pretendemos fazer algumas considerações sobre a convergência dos movimentos literários que buscaram a independência literária nesses países tanto pela linguagem, quanto pela valorização do espaço nacional, como pelo enfoque dado ao homem da terra. São os movimentos literários da Geração

de 70 em Portugal, o Modernismo no Brasil e o movimento Vamos Descobrir Angola! em Angola.

Se tomarmos como pressuposto o conceito de sistema literário proposto por Antonio Candido na introdução do livro *Formação da Literatura Brasileira*, então. Para que passa a existir literatura propriamente dita é necessária uma articulação entre autores mais ou menos consciente do seu papel, diferentes tipos de público, uma obra veiculada através de uma língua, traduzida em estilo e a tradição desses textos através dos tempos garantindo a continuidade literária (a transmissão de um estilo entre autores a que Candido compara a uma espécie de transmissão de tochas entre corredores). É ela quem vai garantir os padrões que aceitamos ou não. Afinal, sem a tradição “não há literatura como fenômeno de civilização”.(CANDIDO, 1971 p. 24).

Nessa perspectiva o Romantismo foi um marco divisor na literatura universal, particularmente, no macrossistema das literaturas de língua portuguesa. Acreditamos que isso se deva aos fatores históricos uma vez que em Portugal esse movimento tem início em um dos momentos mais conturbados da História desse país. Basta lembrar a luta pelo poder entre D. Miguel e D Pedro IV de Portugal (I do Brasil). Também vale destacar o governo do general inglês Beresfort após a retirada do exército francês de Napoleão e, talvez por isso, o surto nacionalista que se formou em Portugal¹.

Até o movimento literário do Romantismo, o modelo literário dos escritores brasileiros passou a ser o de outros países europeus como forma de resistência a então metrópole portuguesa. Temos, por exemplo, as relações do Brasil com a França e Itália que tiveram início no século XVIII com as academias. Segundo estudo realizado por Antonio Candido, o grupo mineiro de escritores que formaram a Arcádia Ultramarina tinham como sede a Arcádia Romana e não a portuguesa, como seria de se esperar². Então, as correntes literárias européias do século XIX que desenvolveram o espírito nacionalista e chegaram ao Brasil junto com a independência promoveram o olhar telúrico

¹ A esse respeito ver em SARAIVA, Antônio José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, Porto. Porto Editora

que permitiu a inserção da terra, do povo e dos costumes brasileiros na literatura com uma linguagem abasileirada. Lembramos que a independência ocorreu no período estético do Romantismo e após esse acontecimento histórico os escritores passaram a negar efetivamente o modelo português e a buscar a literatura nacional como afirmação política e construção de nação.

Se no Brasil o movimento inicia no século XVIII e se consolida no século XIX, em Angola é no final do século XIX que tem início uma intensa atividade jornalística como resultado do nacionalismo que estava aflorando mesmo na condição de colônia. Foi através do jornalismo que “lançaram-se os fundamentos para as modernas literaturas africanas de língua portuguesa,” conforme Maria Aparecida Santilli (1985). O início da formação do sistema literário angolano é no século XIX, porém por causa das questões políticas a que foi sujeitada como colônia portuguesa, vai ter o sistema literário consolidado somente no século XX, período da pós-independência.

É evidente que com o olhar voltado para o local começam a aparecer as diferenças entre metrópole e colônia e a valorização nacional inicia o processo de desvinculação da metrópole. Angola atingiu a maturidade com a consciência de libertação das heranças européias que contribuiu “para definir a sua fisionomia espiritual através da descrição da sua realidade humana, numa linguagem liberta dos preconceitos lingüísticos.” Conforme afirma Antonio Candido ao final da *Formação da Literatura Brasileira e acrescenta citando Machado de Assis:*

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Esta é a outra independência que não tem Sete de Setembro nem Canto do Ipiranga; que não

se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura,” não será obra de uma geração, nem de duas,” muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (CANDIDO, 1986, p)

Se o movimento estético do Romantismo trouxe o olhar sobre o local e a busca de identidade o movimento Realista propõe a modernidade da Literatura. Em Portugal formou-se o grupo *Cenáculo* que idealizou as *Conferências do Cassino* para discussão dos problemas da decadência portuguesa. O grupo atribuía as causas à Igreja, nas suas ações, e às causas econômicas, mais diretamente aos desdobramentos das conquistas portuguesas e por fim a estética romântica que predominava no país. Pregavam que somente pela modernização Portugal sairia da estagnação que se encontrava. O grupo era composto por Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, entre outros.

Jayme Batalha Reis em *Anthero de Quental in Memoriam*, ao lembrar das *Conferências do Cassino* afirma:

O fim directo de Anthero de Quental, e o dos que, com elle, iniciaram a empresa, era lançar nas preocupações dos portugueses as mil questões que agitavam então o pensamento dos homens, discutindo em publico e livremente, todos os problemas, descreendo sem reboço todos os resultados a que as Sciencias, a investigação, a Critica tinham chegado.

Para isso convidaram-se todos os homens, moços ou velhos, que pareciam estar ao facto do movimento intelectual moderno e que pareciam dever ser sinceros, desligados de qualquer interesse que os pudesse fazer calar ou mentir. (REIS, 1993. p. 462-463)

A proposta do grupo era transformar Portugal em uma nova potência e para isso era preciso mudar a consciência do povo português, era necessário educar para transformar. Para João Medina em *A Geração de 70 uma geração revolucionária europeísta*, as *Conferências do Cassino* foram um movimento cultural que tentou sacudir Portugal decadente na sua proposta

² A esse respeito ver CANDIDO, Antonio “Os ultramarinos” IN *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995

de revolução cultural, no sentido mais amplo do termo, com uma visão crítica da Política, sem perder de vista a estética e a literatura:

Resumindo, digamos que os Setecentistas – os jovens da geração de 65, agora mais amadurecidos – propunham-se fazer, em 1871, uma Revolução vital, na literatura e na vida, nas Letras e na polis, concebendo o Socialismo – ou o republicanismo, consoante as orientações ideológicas de uns e de outros – como o modelo a seguir. Dai que as conferências casinenses possam ser tomadas como uma data-chave da vida portuguesa do Oitocentismo, um momento decisivo de viragem e de novidade intelectual, uma insurreição que visa não apenas mudar de vulgata literária, mas fazê-lo em consonância com uma ambição mais ampla, capaz de arrasar toda Jericó que eles investem, ainda desprovidos de ferramentas políticas, mas já procurando quem lhas possa fornecer, desde os internacionalistas aos partidos ou “clubes” (como então se dizia) políticos. Estamos, pois, diante de uma verdadeira revolução cultural completa, na qual a vertente socialista, sobretudo nas figuras mais próximas de Antero, não deixa de ser marcante. (MEDINA, 1999, p.27-29)

Há uma intenção de mudança total da consciência portuguesa, política, cultural e literária. Para essa geração a mudança só viria atrelada com a modernização de Portugal e esta só seria possível, por sua vez, se a consciência portuguesa fosse modernizada também. Para eles, as conferências do cassino seria o momento histórico, um marco na vida portuguesa por promover essa mudança de consciência. O que, como sabemos, não aconteceu, o grupo se desfez e Eça muda-se para a França, mas os ideais vão com ele e lá os brasileiros têm a chance de conhecer o que este grupo português pretendeu para Portugal. Entre os freqüentadores da vila de Eça estavam Bilac e um representante paulista Eduardo Prado.

A proposta de modernização da geração de 70 vem para o Brasil através de Eduardo Prado e Paulo Prado (tio e sobrinho) que conviveram em Paris com Eça de Queirós. O escritor português viu no Brasil o potencial que não havia em Portugal que era o fato de o Brasil ser mais jovem e estar em um processo

histórico de crescimento e a recém-república dava ao país as possibilidades de formação de uma consciência nacional. É através de Fradique Mendes, personagem criada pelo grupo, que a proposta veio ao Brasil.

... um Brasil que desembaraçado do ouro imoral, e de seu D. João VI, se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem, nascendo, com uma viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmônica e própria, só brasileira, só do Brasil sem dever nada aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu queira (e que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo pacote e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que lhe faz ressaltar mais bolor e nódoas. (BERRIEL, 2000, p. 42)

Nessa direção, Carlos Berriel em seu livro *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado* afirma que a relação entre Brasil e Portugal foi gerada no interior da família Prado e resultou no movimento da *Semana de Arte Moderna*. Isso se deve ao fato de os brasileiros Eduardo Prado, Capistrano de Abreu e Paulo Prado através do grupo português do qual fazem parte Eça de Queirós e Oliveira Martins trouxeram ao Brasil os ideais da geração de 70 portuguesa.

Esta constatação aponta para a relação intelectual que existiu entre Paulo Prado e seu tio Eduardo - que abriu para ele as idéias da Geração de 70 da literatura portuguesa, e somou ainda a essas idéias um certo mutante de concepções sobre a história do Brasil. Essas concepções estarão presentes na obra de Paulo Prado, embora subentendidas a um propósito outro, portanto, reelaboradas. Mas as marcas de origens quase sempre são evidentes. (BERRIEL, 2000, p. 18-/9)

É sabido que o mentor da *Semana de Arte Moderna* foi Paulo Prado. Ele mobilizou a sociedade cafeeira de São Paulo e

alugou o Teatro Municipal. O que comprova isso é o fato de que a Semana foi antes de tudo um acontecimento social. Os ideais que Paulo Prado ouviu de Eça na adolescência foi possível de realizar na maturidade porque antes da Semana havia reuniões em casarões dos barões do café em que a brasilidade era cultivada com a cozinha brasileira, a cachaça brasileira e a valorização de escritores, poetas e artistas brasileiros. Assim como para os portugueses, a modernização foi também o tema desencadeado pelos modernistas brasileiros para promover as mudanças que julgavam necessárias. Para eles, porém, modernização significou originalidade, independência intelectual “Nós só seremos deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente original e nacional de cultura. O Modernismo está ajudando a conquista desse dia”, conforme afirmou Mário de Andrade.

Se Paulo Prado pretendia com esse movimento inserir o Brasil no quadro das nações desenvolvidas. Mário de Andrade, por sua vez, acreditava que o Brasil poderia “acertar o relógio” com as demais civilizações, pois para ele:

...compreendemos que a Semana de Arte Moderna veio cumprir justamente esta função: além de ser uma ruptura com os males espirituais do passado, a Semana veio ser a base cultural de uma nova fase da vida brasileira -autônoma, moderna, particular, contemporânea, e aleija ao veio tradicional de desenvolvimento desse complexo histórico: o bandeirante, o café, o paulista.(ABDALA, 1989 p.101)

Enquanto para Oswald modernização e ruptura significaram redescobrir o Brasil, conforme podemos verificar no prefácio de Pau-Brasil:

Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy - umbigo do mundo -descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos à visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e misterioso. Estava criada a poesia “pau-brasil” (ANDRADE, 2003, p.89)

Tanto Paulo Prado, como Mário de Andrade e Oswald entendiam que a ruptura proposta estilisticamente estava na língua, na fala brasileira, pois somente com uma língua brasileira poderia ser feita a literatura brasileira, com a valorização do espaço nacional, e pelo enfoque dado ao homem da terra. Parece-nos que o Modernismo foi, na realidade, uma retomada dos ideais portugueses da Geração de 70.

Em Angola o movimento literário somou-se ao político e por ainda ser colônia portuguesa, nesse período, convém retomarmos o fio da História para uma maior compreensão dos fatos. Após a Geração de 70 houve um período de descrença em Portugal. As questões nacionais foram retomadas com o *Ultimatum* inglês em 1890, mas somente na virada do século os novos movimentos literários surgem. Com a república, em 1910, Portugal passa a uma nova fase política e em 1915 é lançada a revista *Orpheu* que introduz o Modernismo em Portugal movimento de que fazem parte Fernando Pessoa e Mário de Sá entre outros.

Porém com o advento da Primeira Guerra os valores são desagregados e vão repercutir nos períodos posteriores, pois o homem vê suas certezas e segurança ameaçadas pelos conflitos resultantes dessa Primeira Guerra. As décadas de 30/40 trazem um período de incertezas com as ditaduras postas tanto no Brasil quanto em Portugal e África. Promoveu-se assim na literatura o compromisso social da denúncia, surge, então, a literatura participante com o movimento neo-realista que teve como proposta uma bandeira em defesa do homem oprimido e a denúncia da realidade social injusta. Para tanto, optou-se pelo estilo reportagem marcado principalmente pelo narrador em terceira pessoa com a intenção de documentar:

Os escritores de ênfase social do período que se inicia nos anos 30 procuraram uma linguagem literária que, no processo de sobrecodificação, se materializasse em no\’os padrões lingüísticos. Para tanto, afastaram-se do registro culto da linguagem em duas direções que se entrecruzavam: a representação da fala popular e a adoção de uma “norma” jornalística. A linguagem seguia os padrões gramaticais mais

usuais, para que a veiculação da linguagem artística atingisse o leitor médio de cada país. Quando ocorriam transgressões desses padrões, estas seguiam o ritmo da oralidade. O grande objetivo – para o escritor dessa época – era um contato comunicativo mais eficaz e uma linguagem literária essencialmente nacional. Como podemos notar na literatura brasileira. Do ponto de vista temático, procurávamos assim uma identificação com o conjunto do nosso povo, em sua diversidade, e com o devir social sempre em perspectiva. (ABDALA, 1989, p. 76)

É na década de 40 que é retomado o movimento de valorização nacional dos escritores africanos do final do século XIX, porém, com outros métodos. Iniciam uma proposta de formação a literatura angolana formam o grupo “*Vamos Descobrir Angola*” esse respeito Ervedosa ressalta que o movimento modernista brasileiro foi vivenciado em Angola nas décadas de 40 e 50 com o objetivo de redescobrir Angola como o grupo brasileiro fez em 22:

eles (os angolanos) sabiam muito bem o que fora o movimento Modernista brasileiro de 1922. Até eles havia chegado nítido o “grilo do Ipiranga” das artes e letras brasileiras e a lição dos seus escritores representativos, em especial Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado. (ERVEDOSA, s/d, p.32)

A essas considerações de valorização da cultura nacional, Viriato da Cruz, que foi um dos maiores poeta angolano e que fez justamente do fazer poético o motivo de cantar as coisas de Angola, os costumes de seu povo em contudo fazer uma literatura puramente panfletária, afirma :

Estudar a terra que lhes fora berço, a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam. Eram ex-alunos do liceu que recitavam de cor todos os rios, todas as serras, todas as estações e apeadeiros das linhas férreas de Portugal, mas que mal sabiam os afluentes do Cuaza que corria ao seu lado, as suas serras de picos altaneiros, os seus povos de hábitos e línguas tão diversas, que liam e faziam redações sobre a beleza da neve ou o encanto da Primavera que nunca tinham presenciado, que desenhavam

a pêra, a maçã ou a uva sentindo apenas na boca gulosa o sabor familiar e apetecido da goiaba, da pitanga ou da gajaja, que interpretavam as fábulas de La Fontaine, mas ignoravam o fabulário, os contos, as lendas dos povos da sua terra, que sabiam com precisão todas as datas de todas as façanhas dos monarcas europeus, mas nada sobre a rainha Nzinga ou o rei Ngola. (DANTAS, 1995 p.34)

Convém lembrar que em Angola foram cinco séculos de dominação e somente na década de 40 é que o sistema literário veio a ser constituído pela valorização do homem da terra, pela dessacralização da língua portuguesa, foi alcançado o rompimento da dependência cultural, a esse respeito Tania Macêdo afirma:

No caso da literatura angolana em língua portuguesa, os cinco séculos de dominação colonial foram fator ponderável para dificultar sua sistematização. Veja-se que apenas na década de 40 de nosso século a literatura Angolana veio constituir-se em um sistema literário coerente que integrou a tríade autor obra público, Isto é, autores conscientes de seu papel, obras vinculadoras de conteúdos sob aspectos codificados de linguagem e estilo e um conjunto de receptores. Conforme bem assinala a respeito Carlos Ervedosa, enquanto (os escritores) estudam o mundo que os rodeia, o mundo angolano de que eles faziam parte, mas que tão mal lhes havia ensinado, começa a germinar uma literatura que seria a expressão de sua maneira de sentir, o veículo das suas aspirações. uma literatura de combate pelo seu povo. (MACÊDO, 1990, p.)

O movimento iniciado pela Geração de 70 com a postura de ruptura e modernização tentou definir pela prática literária e política a revitalização dos valores nacionais. O Modernismo brasileiro teve o mesmo desafio de buscar e defender essa valorização nacional da terra, da língua e dos temas nacionais, mas recorrendo as vanguardas européias. A solução para esse paradoxo foi proposta por Oswald com a antropofagia: devorar o que vem de fora e transformar em carne e sangue brasileiros como maneira de fazer nossa cultura e definir a identidade do país. Com a geração de 30 o Brasil consolidou a proposta de 22

principalmente por valorizar os temas locais, regionais, mas com a visão do todo, ou seja, as particularidades de cada região brasileira como parte de um todo brasileiro. Angola trilhou o mesmo caminho, porém com mais percalços causados pela opressão política e conseqüente dependência cultural. Em Angola houve uma identificação nas décadas de 40 e 50 com a geração de 22 e 30 brasileira, pelo anseio de independência cultural, valorização das temáticas locais, do homem africano e principalmente a dessacralização da língua portuguesa e valorização da tradição local. Seu sistema literário consolida-se em 48 e após a independência política passa a produzir uma literatura atuante e empenhada.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, JR, Benjamin. *Literatura História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Oswald. *Oswald de Andrade: obras completas*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2003.
- ASSIS, Machado de. "Instinto de Nacionalidade" in *Crítica Literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Omelas. *Tietê, Tejo e Sena. : a obra de Paulo Prado* Campinas: Papirus, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, 4 ed. I vol. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- DANTAS, Elisalva de Fátima Madruga. *Nas Trilhas da Descoberta (Repercursão do Modernismo Brasileiro na Literatura Angolana)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995 (Tese de Doutorado) Texto policopiado.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*, Lisboa: Edições 70 sld.

MACÊDO, Tania C. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade* (imagens do musseque na literatura angolana contemporânea) São Paulo: FFLCH/USP, 1990 (Tese de Doutorado) Texto policopiado.

MACÊDO, Tania C. *Da inconfidência a revolução*(Trajetória do trabalho artístico de Luandino) São Paulo: FFLCH/USP, 1984 (Dissertação de Mestrado) Texto policopiado..

MEDINA, João. *A geração de 70, uma geração revolucionária e europeísta*. Câmara Municipal de Cascais, Instituto de cultura e Estudos Sociais, Cascais, 1999.

REIS, Jayme Batalha. *Antero de Quental in Memoriam*. Edição Fac-Similada 2 ed. Lisboa. Casa dos Açores, 1993.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ativa, 1985.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto Editora.